



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E HOMOFOBIA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO

Mônica Valéria Araujo dos Santos (1); Katarina Nascimento de Freitas (2)

Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG

valeriamonica88@hotmail.com

Resumo Neste trabalho buscamos problematizar a questão da homofobia direcionada a sujeitos homossexuais no âmbito escolar. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, realizada em duas escolas, o Colégio Municipal Padre Galvão e o Colégio Afonso Campos, ambas na cidade de Pocinhos- PB. A pesquisa se deu a partir de uma revisão da literatura, seguida da realização de uma entrevista semi-estruturada com dois professores e dois alunos pertencentes às instituições acima mencionadas. Nossa pesquisa buscou evidenciar as práticas de preconceito, discriminação e homofobia no contexto escolar, apontando suas possíveis causas, implicações para o sujeito, a relação dos sujeitos com a escola e as possibilidades de mediação do professor e do profissional de psicologia. Tomando como referência a experiência vivenciada nas duas escolas, anteriormente referenciadas, no tocante aos temas sexualidade e homossexualidade, podemos perceber que a omissão da Escola, o despreparo dos professores e os casos de homofobia são realidades próprias da nossa sociedade, e não apenas de determinado contexto regional. Episódios de comportamento homofóbico, bem como a minimização desses episódios por parte da direção, são recorrentes nos dois estabelecimentos de ensino, assim como as declarações homofóbicas por parte dos professores e funcionários.

Palavras-Chave: Homofobia; Escola; Preconceito e discriminação.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

A problematização dos conceitos de gênero e sexualidade são de extrema relevância para compreendermos as relações estabelecidas socialmente entre os sujeitos, visto que envolvem uma complexidade que transpõe o aspecto biológico do corpo, abrangendo a história de vida, os costumes, as relações, as emoções, a afetividade. Trata-se de uma construção sócio-histórico-cultural. Segundo Foucault (2007) cada temporalidade produz verdades como construções históricas. Nessa perspectiva, o referido autor defende que a sexualidade se configura como um dispositivo histórico de poder da modernidade, constituído por práticas discursivas e não discursivas, que fundam uma percepção do indivíduo como sujeito de uma sexualidade, de saberes e poderes que visam normatizar, controlar e instaurar verdades sobre este sujeito, em sua relação com o corpo e com os prazeres. Nesta perspectiva, o autor argumenta que mecanismos específicos de saber e poder centrados no sexo (limitado ao dualismo feminino e masculino, que se constituía enquanto "normal") produziram discursos normativos sobre a sexualidade.

A emergência dos movimentos sociais, em especial o feminismo, provocou mudanças significativas. As conquistas e mudanças de concepções antes consideradas verdades indissolúveis, como a inferioridade e submissão feminina, vem conferindo à mulher outro lugar, uma quebra dos paradigmas naturalizados, o que denota que as verdades produzidas por práticas e discursos podem ser desconstruídas. O surgimento do Movimento Feminista, a partir dos anos 70, abriu possibilidades de discussões sobre o conceito de gênero, passando a questionar e problematizar as representações tradicionais que definem o que é ser mulher ou ser homem. Segundo Butler (2009), há uma necessidade de se ultrapassar a noção construída acerca do gênero, de que este denota uma verdade sexual imersa em uma normalidade (gênero masculino ou feminino). Para esta autora essa concepção dualista está permeada de atribuições políticas determinadas como procedência e causas para naturalizar categorias de identidades masculinas e femininas, ditando qual deve ser o comportamento socialmente aceitável de homens e mulheres.

Nessa perspectiva, ao estabelecer o que seria socialmente aceitável, enquanto "normal", a sociedade exclui os sujeitos diferentes, estigmatizando-os, elaborando representações sociais equivocadas, produzindo preconceitos em relação ao outro/desconhecido, que podem vir a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

fundamentar ações discriminatórias. Assim, o julgamento antecipado fundado numa lógica de exclusão desse outro, partindo do que seria aceitável no âmbito social, pode evidenciar por consequência, a aniquilação ou comprometimento dos direitos fundamentais do mesmo.

Para discutirmos a homossexualidade no contexto escolar pela ótica da relação professor-aluno, optamos por abordar duas perspectivas: primeiramente, verificar como a temática da sexualidade é abordada no contexto escolar buscando enfatizar o modo como os sujeitos, assumidamente homossexuais, são vistos no espaço escolar. Em seguida, especificamente com relação aos professores, interessa-nos pontuar se a homossexualidade é um aspecto que influencia nas relações e na prática pedagógica destes sujeitos.

A homossexualidade é um tema sumariamente evitado na escola, entre outros, por ser esta uma instituição pautada em padrões heteronormativos, em valores morais cristãos e pela lógica sexista feminino e masculino. Na verdade, até mesmo a sexualidade tem sua discussão limitada à heteronormatividade, biologia, reprodução e a representação social do sexo como algo errado, maléfico, pecaminoso. Na maioria das escolas, mesmo após a Orientação Sexual ser proposta como tema transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, a abordagem da sexualidade no âmbito escolar se limita, basicamente, à transmissão de informações acerca da prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis. Desse modo, tem-se negligenciado/evitado a discussão sobre a homossexualidade no ambiente escolar, o que vem contrapor-se a uma das funções da escola, a saber: conscientizar e orientar os alunos naquilo que concerne às questões relativas a sexualidade e gênero.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Trata-se de uma abordagem qualitativa que visa a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2007), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

Com o objetivo de buscar compreender como se dão as relações de preconceito,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

discriminação e homofobia no espaço escolar, foram entrevistados quatro sujeitos homossexuais, dois professores (um de sexo masculino e outro de sexo feminino) e dois alunos (um de sexo masculino e outro de sexo feminino), todos vinculados a rede pública de ensino na cidade de Pocinhos - PB.

Inicialmente foram realizadas visitas às escolas Padre Galvão e Afonso Campos, ambas localizadas na referida cidade. As visitas e observações ocorreram entre os meses de julho e dezembro de 2014. Em seguida, estabeleceu-se o diálogo com alunos e professores homossexuais, solicitando-se aos mesmos uma entrevista. Uma entrevista semi estruturada, com roteiro pré-estabelecido, foi realizada entre os dias 23 e 27 de fevereiro de 2015, por meio de trocas de e-mails, devido à falta de tempo alegada pelos participantes, visto que os professores trabalham e os alunos fazem cursos nos horários opostos às aulas.

Solicitamos aos entrevistados que respondessem individualmente a cada pergunta ou que contemplassem os assuntos de maneira integral em uma única resposta. Para preservarmos a identidade dos sujeitos, optamos por não divulgar seus nomes, atribuindo aos mesmos as iniciais A, B, C e D, como uma forma de identificação. Ao longo das entrevistas constatamos que, apesar dos sujeitos declararem não ter sido vítimas de preconceito, discriminação e homofobia, há um reconhecimento de que o "assumir-se" homossexual na sociedade (e, em especial, no ambiente escolar) traz implicações e problemas no campo das relações, gerando desconforto e mal estar.

"Pocinhos é uma cidade muito pequena e interiorana dentro do nordeste e da Paraíba, assumir sua sexualidade é matar um leão por dia pois nessas terras o machismo ainda é supremacia absoluta. Se o gay não souber se impor dentro deste ambiente, este ambiente o consumirá." (PROFESSOR B)

Nas falas dos alunos A e C verifica-se a necessidade de apoio familiar e educacional, sendo o professor, a figura mais enfatizada, enquanto mediador das relações, servindo de suporte para estes sujeitos. Como relata um aluno entrevistado: "Tanto há preconceito na escola, como na sociedade e até na própria família. Isso é uma escada, se um deles apresentam algo, os outros tbm vão apresentar". Os professores B e D explicitam que, numa tentativa de evitar conflitos, optaram



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

pela discrição, por não divulgar abertamente sua sexualidade, como declara um professor: "Quando estou em ambiente de trabalho, assumo uma postura profissional de comportamento, mantendo a discrição. Apenas encaro a escola como meu ambiente de trabalho". Esse posicionamento é o que revela uma cultura do "não falar", "não demonstrar", onde falas reproduzem o discurso dominante excludente, eivado de preconceito. Ao longo da referida pesquisa, durante as visitas e observações nas escolas, falas preconceituosas e até homofóbicas se fizeram ouvir, algumas vezes elas quase que "escapuliram" abruptamente: "Menina e ele é gay? Não acredito, ele é tão normal, que estranho."; "Por isso que eles tocam fogo nesses viados, ficam todos se amostrando"; "Para mim, isso é falta de Deus."; "Desde pequeno dá pra ver que aquele menino vai ser viado"; "De ele ser gay eu fico calada, mas não precisa aparecer tanto, isso é um mal exemplo para os alunos"; "Fiquei sabendo que ela é sapatão, uma pena não é? Ela é tão bonita.". Esses são apenas alguns exemplos de falas ouvidas nesses espaços escolares ao longo da pesquisa, partindo de alunos, funcionários e professores.

A partir da revisão da literatura pertinente à temática proposta no presente trabalho, observou-se nos estudos de Molina (2011) e Silva (2014), relatos de casos de homofobia, apesar de, ao longo da pesquisa, os sujeitos não declararem-se vítimas de qualquer tipo de discriminação resultante de sua condição sexual no ambiente escolar. Entre os fatores que podem influenciar na ocorrência desses casos os autores enfatizam: o tipo de instituição (costuma haver mais tolerância nas escolas públicas); perfil pedagógico (instituições de cunho religioso não costumam aceitar homossexuais em seu quadro de funcionários; o comportamento (professores que se comportam como dita a heteronormatividade, ou seja, não são afeminados, sofrem menos rejeição); dentre outros. Borges e Meyer (2008) citando Castro, Abramovay e Silva (2004), afirmam ser comum professores, funcionários do corpo administrativo e os alunos "tolerarem, ou mesmo praticarem, diversas formas de discriminação e violência, considerando tudo como 'brincadeira' e 'coisa de jovens', 'sem importância'" (p. 65), demonstrando que a omissão da escola e a falta de qualificação de professores e funcionários propiciam a recorrência desses episódios. O que podemos constatar na declaração de um aluno homossexual de uma dessas escolas:

"A grande verdade é que a escola resolve questões desse assunto de forma superficial. Falo isso por experiência, sou gay e já tive que resolver diversos problemas sem apoio, pois, a escola n tinha



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

condições de interferir, por falta de conhecimento e de estrutura, um verdadeiro déficit em todo corpo docente." (ALUNO A)

Independente da percepção ou existência da homofobia, as instituições de ensino ao omitir-se das discussões acerca da homossexualidade, acabam por produzir o que a ABGLT (2006) descreve como "a invisibilidade dos sujeitos homossexuais que cotidianamente as ocupam".

Observamos, por meio das pesquisas teóricas e vivências nas escolas, que a discussão da sexualidade, em todas as suas nuances, no ambiente escolar se mostra urgente. Faz-se necessário um cenário educacional que acolha e debata as desigualdades, que promova a criticidade e a compreensão das diversidades. Precisa-se de uma escola que discuta o preconceito em todas as suas formas, para que alunos e profissionais se sintam acolhidos. Uma escola que promova, junto à sociedade, debates que objetivem à sua transformação, considerando as singularidades dos sujeitos que dela fazem parte.

Quando a Escola evita a abordagem da temática da homossexualidade, também evita admitir e discutir, abertamente, a existência de alunos ou professores homossexuais. A este respeito Louro (2003) afirma:

"Para o campo educacional, a afirmação desses grupos é profundamente perturbadora. Não dispomos de referências ou de tradições para lidar com os desafios ali ampliados. Não podemos mais simplesmente 'encaminha-los' para os serviços de orientação psicológica para que sejam reconduzidos ao 'bom caminho'. Mas certamente é impossível continuar ignorando-os." (LOURO, 2003, pp. 49-50).

Pesquisando sobre o relacionamento entre professores homossexuais e alunos e sobre a importância do Professor no combate à homofobia no ambiente escolar, encontramos na declaração de Silva (2014) um indicativo da importância da figura docente nesse contexto:

"Professores não são apenas aqueles que vão ensinar história, português, matemática. São aqueles que poderão levar os alunos a outros pensamentos. Na perspectiva de gênero o professor em sua prática docente pode levar os alunos a pensar do porquê de haver a homofobia, por que homossexuais tem que passar por intolerância de uma sociedade que definiu homem, mulher e formas de se relacionar. É na escola que será possível discutir essas problemáticas, buscando que os alunos possam compreender o que é homossexualidade,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

incentivando o respeito aos homossexuais independente se ele for seu colega de sala, seu professor ou outro profissional da comunidade escolar." (SILVA, 2014, p. 49)

Nas escolas pesquisadas, observamos que os alunos não oferecem resistência à presença de professores homossexuais em sala, tão percebe-se qualquer tipo de insulto ou desqualificação que faça referência à condição sexual do professor. Vejamos:

" Sobre o fato de haver prof gays, no meu ver n há nenhum empecilho, desde que o msm mantenha a moral e a ética. É comum um aluno gay sentir-se mais a vontade tendo aula com professores gays, mas a regra n infere a todos. " (ALUNO B)

Além de ter o professor, assumidamente homossexual, como um mediador para promover a discussão sobre tolerância e preconceito em sala de aula, também surge a figura desse professor como ponto de referência e apoio a alunos que se descobrem homossexuais, conforme expressa um dos alunos entrevistados:

"A questao dos profs gays é algo divino! Tanto que acho que deveria existir uma lei q obrigasse cada escola ter pelo menos 1 prof gay! Me senti mais segura qnd tinha alguém q tinha autoridades sobre os alunos que tbm tinha a mesma condição sexual q a minha. Sempre foram os meus melhores professores, os que eu mais gostava e tbm eram as matérias que eu mais me esforçava, sempre nos tornávamos amigos... Ter professores gays, me ajudou bastante tanto a me assumir como a formar a minha personalidade." (ALUNA C)

A Escola, reflete os valores morais da sociedade e tem em si conceitos e preconceitos socialmente difundidos. Além do sua função normatizadora, a Escola é responsável pela formação do sujeito e construção de sua subjetividade, portanto pode ser transformadora, visto que os valores, condutas e regras são socialmente construídas. Nas palavras de Molina (2011), se a educação é histórica e culturalmente um processo "disciplinador e reproduzidor de desigualdades", seus valores e modelos de conduta encarnam os mesmos preconceitos e desigualdades produzidos pela sociedade seus valores e modelos.

Nesse sentido, o psicólogo pode contribuir para a promoção de mudanças significativas, agindo no ambiente escolar na articulação de projetos que visem abordar todos os tipos de preconceitos e discriminação (inclusive a homofobia e o bullying), o que torna-se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

importante e possível, já que se tratam de construções sociais. Para tanto, compete a este profissional, entre outros aspectos, perceber as dificuldades referentes a cada área de convivência, bem como os desafios que perpassam a busca por direitos de cidadania dos sujeitos. Neste sentido é imprescindível considerar a realidade de cada contexto e as singularidades daqueles que dele fazem parte.

"De certo modo, podemos dizer que os psicólogos, na medida em que carregam como especificidade nesse campo uma leitura sobre a dimensão do sofrimento produzido nas múltiplas relações e determinações relativas a cada caso, tem como desafio a possibilidade de construir a crítica ao discurso que reduz experiências humanas e processos complexos[...]" (Conselho Federal de Psicologia, 2013, pp. 82-83).

Portanto, é fundamental que o profissional de psicologia se dedique à criação de possibilidades de ação para que o sujeito exerça participação e convivência social. Para tal, deve-se produzir intervenções tendo em vista as condições de existência de sujeitos reais, inseridos em situações sociais diversas e que necessitam de uma atenção diferenciada, voltada para a complexidade de cada caso.

CONCLUSÕES

Observamos, que a discriminação explícita ou episódios de homofobia, relacionada aos sujeitos homossexuais são raros. No entanto, em uma das escolas, verificamos que é extremamente comum entre os funcionários a desqualificação de professores homossexuais de acordo com o seu comportamento social. Declarações do tipo "Ele é gay, mas se comporta como homem" ou "A pessoa pode ser gay, mas não precisa ficar com essas baixarias" são constantemente utilizadas para tecer juízo de valor em relação ao profissionalismo de professores assumidamente homossexuais. Outra situação recorrente é o professor ser assumidamente homossexual no meio social e no ambiente escolar negar sua condição ou mesmo evitar tratar do tema sexualidade. Assim, verifica-se que há uma negação do sujeito homossexual, que é fadado a não parecer, não mostrar-se, calar-se, não havendo para este quaisquer possibilidades de pertencimento no âmbito escolar.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Nesse sentido, o programa *Brasil Sem Homofobia*, poderia emergir enquanto possibilidade na realidade evidenciada nesta pesquisa, dado que o mesmo visa estabelecer o direito e a permanência desse ser homossexual, estigmatizado e discriminado no espaço escolar. Porém, não verificamos ao longo do estudo, nenhum trabalho destinado à prática de combate à homofobia, preconceito e discriminação ou diálogo sobre sexualidade e gênero, o que vem evidenciar a necessidade premente de se inserir, no contexto escolar, uma discussão responsável acerca das questões de gênero e sexualidade.

Nunes e Silva (2000), apresentam duas tipologias metafóricas que expressam, com grande propriedade, o que podemos perceber no âmbito da sexualidade no espaço escolar: "a Pedagogia do bombeiro" e a "Pedagogia do avestruz". A "Pedagogia do bombeiro" é aquela intervenção cujo propósito é, supostamente, apagar focos de incêndios, no que se refere à manifestação e à curiosidade sexual. A "Pedagogia do avestruz" simboliza a atitude de "fingir que não vê", enterrando a cabeça na areia do dia-a-dia, esquivando-se do debate da questão. Por vezes, fingimos não ver mendigos, negros, crianças de ruas, gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transsexuais e transexuais, outras vezes os enxergamos e atribuímos a estes outros/diferentes adjetivos pejorativos, menosprezado quaisquer possibilidades de visibilidade desse sujeito. No geral esperamos seu silêncio, sua distância, seu "não aparecer".

Naturalizamos essa condição marginal presente em nossa sociedade, na tentativa de não nos deixarmos afetar por ela. Seria esta uma ação violenta de nossa parte? Com quantos sujeitos diferentes nos deparamos no dia a dia? Indivíduos invisíveis, que se tornam visíveis aos nossos olhos a partir do momento em que nos sentimos ameaçados por sua presença, presença esta que nos violenta ainda que não haja qualquer ato violento desse sujeito em relação a nós. Falta a ação e efetivação de políticas públicas que contemplem a camada social de excluídos, vítimas de ideologias discriminantes e preconceituosas. É preciso questionar as concepções excludentes que constituem o nosso universo social e a escola é um dispositivo possível para tal modificação.

O desafio está em se buscar uma educação que problematize os aspectos heteronormativos presentes na formação de nossas identidades sexuais e de gênero, oportunizando aos alunos/sujeitos o questionamento e a desconstrução dos estereótipos concernentes a sexualidade e gênero. Como defende Foucault (2007), é importante compreender que **inexiste uma verdade**



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

única e universal sobre a sexualidade, daí a necessidade de reavaliarmos os mecanismos de saber-poder que a constituem. Torna-se relevante, portanto, elaborar novos princípios educativos, que nos permita reinventar outras relações com os corpos e os prazeres. Trata-se de afetar e se deixar ser afetado por incontáveis possibilidades de ser e existir no mundo, para além de verdades absolutas, tentando fazer da vida um processo de criação da diferença ou, como elucida Foucault, ensaiar novas estéticas da existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT). **Resoluções do I Congresso da ABGLT: avanços e perspectivas**. Curitiba: Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros, 2006.

BIAGGIO, A.M.B. **Lawrence Kohlberg: ética e educação moral**. São Paulo: Moderna, 2002.

BORGES, Z. N. MEYER, D. E.. **Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 59-76, jan./mar. 2008.

BORTOLINI, A. **Diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: Pró--Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1988.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BUTLER, J. **Diagnosticando o gênero**. Traduzido por André Rios. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: 2009, p. 95-126.

CECCARELLI, P. R.. **A invenção da homossexualidade**. Revista Bagoas, n.2. UFRN, 2008, p. 71-93.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Conselho Federal de Psicologia. **Resolução 01/1999**. Disponível em http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf (Acesso em 06/03/2015)

DIAZ, M.; CHINAGLIA, M.; DIAZ, J. **Projeto Escola Sem homofobia - Estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras**, 2011. (Arquivo em pdf)

FACCHINI, R. **Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro**. Revista Bagoas, n.4. UFRN, 2009, p. 131-158.

FERNANDES, F. B. M.; GROSSI, M. P. e PEDRO, J. M.. **Estratégias Brasileiras de combate à homofobia na escola (2004-2009)**. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/48918305/46471316-ESTRATEGIAS-BRASILEIRAS-DE-COMBATE-A-HOMOFOBIA-NA-ESCOLA-2004-2009>. (Acesso em 02/03/2015)

FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. R. **Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a07.pdf> (Acesso em 08/03/2015)

FOUCAULT, M. A. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Traduzido por Maria Tereza da Costa Albuquerque J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: GRAAL, v.1, 2007.

_____ **Dits et écrits - 1954-1988**. Vol. III, 1976-1979. Paris, Gallimard, 1994.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : LTC Editora, 1989.

GUZZO, R. S. L. et al. **Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2010, vol.26, p.131-141. ISSN 0102-3772.

JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia nas escolas: um problema de todos**. Em: Junqueira, R.D. (org). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/UNESCO, p. 13-51, 2009.

LIBERATO, L. V. D. **Preconceito, discriminação e segregação: o discurso contra o homossexual no espaço escolar**. Ponta Grossa, 2008. Disponível em http://www.arco-iris.org.br/wp-content/uploads/2010/07/TCC_Luciano-Vitor-Dias-Liberato.pdf (Acesso em 04/03/2015)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** IN: LOURO, G.L.; NECKEL, J.; GOELLNER, S. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

MARTINEZ, A. M. **Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira.** *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) [online]. 2009, vol.13, n.1, pp. 169-177.

MARTINS-SILVA, P. O.; SOUZA, E. M.; SILVA JUNIOR, A.; NASCIMENTO, D. B.; BALBINETO, R. **Adolescentes e homossexualidade: representações sociais e identidade social** Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/28> (Acesso em 07/03/2015)

MOLINA, L. **Professores homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar.** Anais do II Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto 2011.

NUNES, C. e SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas (SP): Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, R. e SOUSA, C. **Homossexualidade: representações sociais de sexualidade para professores cuiabanos.** Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp099953.pdf> (Acesso em 07/03/2015)

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

SANTOS, C.; RAMOS, M. E. C.; TIMM, F. B.; CABRAL, D. I. G.; LOBO, T. D. de Ma. **Diversidade sexual na escola e a homofobia: a capacitação de professores como estratégia de intervenção.** Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis. 25 a 28 de agosto 2008.

SILVA, F. A. F. da. **Gênero, sexualidade e Direitos Humanos.** V Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco. 2014.

TONELI, M. J. F. **Homofobia em contextos jovens urbanos: contribuições dos estudos de gêneros.** *Revista de Psicologia da Vetor Editorial.* v.7, n.2. jul./dez. p. 31-38. 2006.